

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS - CLA

INTERCULTURALIDADE NO MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE PORTUGUÊS
PARA ESTRANGEIROS

MANUELLA GELLI MAIA MARTINHO

Rio de Janeiro

2024

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a interculturalidade em um material didático utilizado no ensino de português para estrangeiros, com o objetivo de avaliar como esses materiais promovem a compreensão cultural e linguística dos aprendizes. A pesquisa se concentra na análise crítica de um material didático selecionado: "Brasil Intercultural - Língua e cultura brasileira para estrangeiros". A abordagem metodológica é predominantemente descritiva e qualitativa, envolvendo a análise dos conteúdos culturais, das representações da diversidade regional e das estratégias pedagógicas utilizadas nos materiais. A pesquisa destaca a importância de uma abordagem que vá além dos aspectos superficiais da cultura e que inclua uma análise crítica das dinâmicas históricas e sociais que moldam a identidade brasileira. Além disso, enfatiza a necessidade de capacitação contínua dos professores para maximizar o potencial intercultural dos materiais didáticos.

ABSTRACT

This thesis addresses interculturality in the teaching materials used for teaching Portuguese as a foreign language, with the aim of evaluating how these materials promote learners' cultural and linguistic understanding. The research focuses on the critical analysis of a selected teaching material: "Brasil Intercultural - Língua e Cultura Brasileira para Estrangeiros". The methodological approach is predominantly descriptive and qualitative, involving the analysis of cultural content, regional diversity representations, and pedagogical strategies used in the materials. The research highlights the importance of an approach that goes beyond superficial aspects of culture and includes a critical analysis of the historical and social dynamics that shape Brazilian identity. Additionally, it emphasizes the need for ongoing teacher training to maximize the intercultural potential of teaching materials.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus, que manteve Seu olhar sobre mim a cada decisão tomada ao longo de minha jornada.

Agradeço profundamente ao meu pai, meu maior crítico, que me orientou pelos caminhos da educação desde menina, tornando a desistência uma opção indiscutível.

À minha mãe, que moldou à mão a mulher que eu sou, esculpiu meus gostos e me guiou a nunca aceitar menos do que eu merecia.

Ao meu irmão, com quem aprendi valores inegociáveis de vida, caráter e amor. Ao Miguel, a quem tenho a honra de transmitir estes valores, minha constante fonte de força e inspiração.

Ao meu avô Ademir (*in memoriam*), que partiu cedo demais, mas deixou a lembrança indestrutível de sua doçura, carinho, voz e cheiro inesquecíveis. À minha avó Olga (*in memoriam*), cujo cuidado zeloso me ensinou tudo o que eu sei sobre amor. À minha querida avó Sônia, meu inestimável exemplo, que me aproxima de Deus, dona de princípios únicos, um tempero inigualável e histórias inesgotáveis.

Ao Patrick, meu amado companheiro, a vela mestra do meu barco, com quem eu divido as dores e as alegrias do viver, por quem sou declaradamente e perdidamente apaixonada.

Aos meus amigos, que tornaram a caminhada mais fácil, engraçada e digna de filme. A cada professor que me ensinou algo e me incentivou a ser quem eu sou.

E a mim, a pessoa mais forte que eu conheço.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	
2 RELAÇÃO LÍNGUA E CULTURA.....	
3 INTERCULTURALIDADE.....	
4 A PERSPECTIVA INTERCULTURAL NO ENSINO DE LÍNGUAS.....	
5 O PAPEL DO MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUAS.....	
6 METODOLOGIA.....	
7 ANÁLISE DO CORPUS.....	
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
REFERÊNCIAS.....	

1. INTRODUÇÃO

A comunicação é o alicerce sobre o qual se ergue a sociedade. É por meio da linguagem que indivíduos se conectam, relacionam-se, trabalham e exploram diferentes aspectos do mundo que os cerca. Cada comunidade possui sua própria língua, um instrumento vital para a comunicação. Assim, a diversidade linguística reflete a riqueza cultural e a complexidade das interações humanas. Este estudo propõe-se a investigar a relevância da interculturalidade nos materiais didáticos para o ensino da língua portuguesa como segunda língua (L2), bem como a influência da cultura no aprendizado tanto para o estudante quanto para o professor. A análise desses aspectos é fundamental, uma vez que a falta de conscientização cultural pode resultar em mal-entendidos e barreiras de comunicação (Byram, 1997), e a desconexão com contextos culturais relevantes pode desmotivar os alunos e prejudicar o engajamento com o conteúdo (Almeida Filho, 2009).

O processo de aquisição de uma nova língua é frequentemente percebido como um desafio substancial para indivíduos que já possuem uma língua materna consolidada. A sociedade é surpreendida pelo fato de que crianças são capazes de internalizar e dominar uma nova língua em um curto espaço de tempo, enquanto adultos, dotados de experiência e habilidades cognitivas desenvolvidas, muitas vezes enfrentam dificuldades significativas para alcançar um nível semelhante de proficiência linguística. Este fenômeno, abordado no estudo intitulado "The Rise of the Linguarati", revela que aproximadamente 80% dos profissionais brasileiros manifestam interesse em participar de cursos de inglês, porém uma parcela expressiva, cerca de 90%, desiste já no primeiro ano de estudo.

É importante salientar que essa dificuldade não se restringe exclusivamente aos brasileiros, mas é uma questão universal enfrentada por indivíduos ao redor do mundo. O processo de aprendizagem de uma nova língua, seja qual for a língua do nativo, pode apresentar dificuldades, pelo hábito de usar apenas um idioma desde a infância, por não convivermos com outras pessoas que usam uma língua estrangeira, pela falta de incentivo na educação e nas mídias, entre outros fatores.

A teoria da "janela de aquisição linguística", proposta pelo linguista Eric Lenneberg, sugere que existe um período crítico durante o desenvolvimento humano, geralmente até os 7 anos de idade, no qual a habilidade de adquirir uma língua de forma nativa é mais eficaz. Esta teoria implica que após esse período, a capacidade de aprender uma nova língua pode ser significativamente afetada, uma vez que a "janela linguística" tende a se fechar. Isso ocorre

porque, conforme Lenneberg argumenta, o cérebro passa por mudanças neurobiológicas durante a infância que facilitam a aquisição linguística, e essas mudanças diminuem gradualmente com a idade. Assim, uma vez que a língua materna já está firmemente estabelecida após esse período crítico, a aprendizagem de uma nova língua pode apresentar desafios adicionais devido à influência da primeira língua adquirida.

A linguagem, no entanto, é um fator determinante para a comunicação entre a sociedade, é o que nos conecta e nos une como comunidade e nação, sendo considerada a maior capacidade evolutiva da espécie humana, que ao usar “símbolos” para passar uma ideia, uma emoção, etc., transforma o mental em expressão material. É o que nos destaca em relação ao resto das espécies. Muitos são os estudiosos da língua que apontam a linguagem como algo intrínseco ao ser, uma adaptação biológica exclusiva do humano. Um dos maiores defensores da linguagem como inata foi o linguista Noam Chomsky (2015), criador da Teoria Gerativista, que diz que a aquisição da linguagem vem de um órgão da mente, como se fosse uma faculdade psicológica presente em cada ser humano:

A faculdade de linguagem pode razoavelmente ser considerada como "um órgão linguístico" no mesmo sentido em que na ciência se fala, como órgãos do corpo, em sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório. Compreendido deste modo, um órgão não é alguma coisa que possa ser removida do corpo deixando intacto todo o resto. Um órgão é um subsistema que é parte de uma estrutura mais complexa. (CHOMSKY, 2015, p. 1)

Portanto, a língua transcende sua função comunicativa, assumindo um papel intrínseco na transmissão e preservação de elementos culturais e históricos. O processo de aprendizado de uma nova língua não pode ser dissociado do contexto cultural que a envolve, pois este exerce uma influência significativa tanto sobre o aprendiz quanto sobre o instrutor.

2. LÍNGUA E CULTURA

Toda língua carrega consigo uma história que contribui para sua configuração atual. O português, utilizado no contexto brasileiro, não foge a essa dinâmica. Antes da chegada dos colonizadores portugueses ao território brasileiro, uma diversidade de línguas era falada entre os povos indígenas locais. No entanto, com a colonização, os nativos foram compelidos a adotar o português como língua dominante e isso gerou uma significativa mudança na dinâmica linguística das comunidades indígenas. Segundo Domicio Proença Filho (2002), a

imposição do português como língua oficial acarretou uma substituição gradual das línguas nativas, forçando a integração do português no cotidiano dos indígenas. Este processo resultou naquilo que é denominado como "transmissão linguística irregular" (Kato, 2002).

É fundamental compreender os eventos históricos que moldaram um idioma, especialmente no Brasil, não apenas por uma questão de contexto histórico, mas também para evitar atitudes de preconceito linguístico ao deparar-se com variações em relação à norma padrão. É inevitável que estrangeiros que estejam aprendendo a língua portuguesa cometam tais desvios, e o conhecimento da história linguística do país nos proporciona uma compreensão mais ampla e respeitosa das nossas variações.

Não é possível adquirir conhecimento de uma nova língua sem ser influenciado por sua cultura correspondente. Ao viajar para um novo destino, mesmo sem dominar o idioma local, ter noções básicas da língua é essencial para a comunicação, como saber expressões cotidianas como "por favor" ou "quanto custa isso?". No entanto, essas expressões, embora úteis, não revelam toda a riqueza da cultura local ou a dinâmica entre os nativos. Por exemplo, o uso do termo "bicho", no Brasil, que pode se referir tanto a um animal quanto ser usado como vocativo informal entre amigos, ilustra como certos termos carregam significados que vão além do simples aprendizado de palavras. Esse uso revela nuances culturais e sociais que fazem parte do modo como as pessoas se relacionam e se comunicam, algo que expressões básicas, por mais que sejam importantes, não capturam completamente.

No contexto da relação entre cultura e língua portuguesa, é notável o fenômeno observado em 2023, quando os portugueses expressaram nas mídias sociais sua preocupação com o fato de suas crianças estarem adquirindo características do português brasileiro, como gírias, sotaques e outras nuances linguísticas. Esse processo é em grande parte atribuído ao consumo significativo de conteúdo brasileiro na internet, destacando-se a influência de figuras como o influenciador Lucas Neto, cujos vídeos com temática infantil têm se popularizado não apenas no Brasil, mas também em outras nações. Essa dinâmica evidencia a notável capacidade da cultura em influenciar os aprendizes, especialmente durante a fase de desenvolvimento infantil, na qual as crianças funcionam como esponjas linguísticas, absorvendo ativamente os padrões linguísticos do ambiente ao seu redor.

A compreensão plena de uma língua vai além da mera aprendizagem das suas estruturas linguísticas; é necessário também imergir na cultura que a permeia, compreendendo suas expressões idiomáticas, convenções sociais e nuances contextuais.

2.1 AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM

Para Krashen (1985), “existem dois processos independentes de se desenvolver habilidades em segundas línguas”: tanto no processo de aquisição quanto no processo de aprendizagem. O processo de aquisição da segunda língua é percebido como ao de um aprendente que está em contato com outra cultura e língua e estando fisicamente na região onde o idioma é falado como nativo. Ou seja, a língua é adquirida inconscientemente. Krashen ainda enfatiza que “somente a língua adquirida é disponível para a comunicação espontânea, pois saber a regras de uma língua não faculta necessariamente seu uso.” (apud FIGUEIREDO, 1995, p.49). O processo de aprendizagem é tido como orientado e é como um aprendiz em sala, aprendendo a língua de maneira formal. É caracterizado pelo uso consciente da língua. Apenas a língua adquirida é disponível para a comunicação, porque ter conhecimento das regras de um idioma não faculta o seu uso necessariamente.” (apud FIGUEIREDO, 1995, p.49)

2.3 A HIPÓTESE DO MONITOR

A hipótese do monitor de Krashen sugere que regras linguísticas aprendidas conscientemente funcionam como um sistema de verificação durante a comunicação. Elas ajudam a corrigir erros na fala e escrita. Para que o monitor funcione, três condições devem ser atendidas: tempo para pensar nas regras, foco na forma e conhecimento das regras. Em situações de comunicação rápida, o uso do monitor pode ser limitado. MENEZES (2011) defende que o monitor aprimora a precisão gramatical e serve para editar a produção oral e escrita. No entanto, McLaughlin (1987 apud MENEZES, 2011) critica o conceito, afirmando que é difícil testar sua existência e distinguir se as regras usadas são conscientes ou inconscientes.

2.4 HIPÓTESE DA ORDEM NATURAL

A hipótese da ordem natural afirma que a aquisição de regras linguísticas ocorre de forma previsível e que a ordem de aquisição na língua materna (L1) é similar à da segunda língua (L2). No entanto, a sequência de aquisição de morfemas na L2 é diferente da L1, com uma ordem específica observada em aprendizes de diversas L1. Ele destaca que essa ordem natural de aquisição independe de como as regras são ensinadas em sala de aula.

2.5 HIPÓTESE DO INPUT

Ao adquirir uma língua, os falantes interagem com outros falantes e encontram elementos linguísticos novos. O "*input*" refere-se aos dados linguísticos recebidos durante essas interações. Krashen afirma que a aquisição de uma língua ocorre apenas por meio da exposição a *inputs* compreensíveis. Para que haja aquisição, o *input* deve ser "*input* + 1", ou seja, deve estar um pouco além do nível atual de competência do falante. Krashen também destaca que, na aquisição, o significado é adquirido primeiro, seguido pela estrutura, e que o foco do aprendiz está no uso da língua, não na forma

2.6 HIPÓTESE DO FILTRO AFETIVO

O Filtro Afetivo, conforme Krashen, é um bloqueio mental que impede a plena utilização do *input* compreensível na aquisição de uma língua. Fatores psicológicos, como desmotivação e falta de autoconfiança, podem elevar esse filtro, dificultando a aprendizagem. Indivíduos com atitudes positivas em relação à segunda língua (L2) tendem a ter um filtro afetivo mais baixo, facilitando a aquisição. McLaughlin critica essa hipótese por ser imprecisa, enquanto Johnson aponta a falta de consideração do ambiente externo, responsabilizando apenas o aprendiz por fatores como ansiedade e motivação.

A análise das teorias sobre aquisição e aprendizado de línguas mostra que a eficácia do processo linguístico vai além das regras e métodos de ensino. A influência cultural e histórica molda significativamente a maneira como os idiomas são aprendidos e utilizados. Compreender a evolução e as variações linguísticas do português no Brasil, assim como as críticas às teorias existentes, permite uma abordagem mais holística e adaptada ao ensino de línguas. Reconhecer o papel da cultura e os fatores afetivos não apenas aprimora a eficácia pedagógica, mas também promove uma aprendizagem mais inclusiva e contextualizada, enriquecendo a experiência tanto de professores quanto de alunos.

3. INTERCULTURALIDADE

A interculturalidade é definida como o estímulo à união, interação, compreensão e respeito entre as diversas diferenças culturais, linguísticas e étnicas presentes em comunidades distintas. Este princípio desempenha um papel essencial nas relações interpessoais que envolvem indivíduos de culturas diversas, facilitando o diálogo e a cooperação entre diferentes grupos sociais. Segundo Banks (2009), a interculturalidade é fundamental para promover a equidade e a justiça social, além de contribuir para a construção

de sociedades mais inclusivas e democráticas.

A interculturalidade desempenha um papel crucial na promoção da compreensão mútua e na facilitação da comunicação entre indivíduos de diferentes origens culturais. Ao incentivar a troca de perspectivas, valores e práticas entre grupos diversos, ela contribui significativamente para a construção de pontes entre diferentes países e para a superação de barreiras comunicativas. Além disso, a interculturalidade é um elemento essencial no contexto da globalização, pois permite que as sociedades se adaptem e interajam de maneira mais eficaz em um mundo cada vez mais interconectado e multicultural.

É impossível passar pelo aprendizado de uma língua estrangeira sem tocar na cultura do país da nova língua. De acordo com Almeida Filho (2002), língua e cultura não podem restringir-se ao caráter meramente informativo. Além disso, Kramsch (1993) argumenta que a interculturalidade não se limita apenas à aquisição de habilidades linguísticas, mas também implica uma compreensão profunda das diferentes formas de pensar, agir e se relacionar em contextos culturais diversos.

Nosso objeto de estudo está conceitualmente presente dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que são os pilares e referências para a qualidade da educação dos ensinos fundamental e médio no Brasil. Segundo os PCNs,

O desenvolvimento da habilidade de entender/dizer o que outras pessoas, em outros países, diriam em determinadas situações leva, portanto, à compreensão tanto das culturas estrangeiras quanto da cultura materna. Essa compreensão intercultural promove, ainda, a aceitação das diferenças nas maneiras de expressão e de comportamento.

Encontramos, então, a necessidade da interculturalidade, embora esta não seja diretamente abordada no texto.

Giménez Romero (2003) afirma que o pluralismo cultural supõe a coexistência ou a simultaneidade de culturas divergentes em uma região e se fundamenta em dois princípios básicos: a igualdade ou não discriminação de qualquer ordem e a aceitação e o respeito pelo alteridade sem propostas assimilacionistas. O autor destaca a necessidade de cultivar perspectivas multi e interculturais dentro deste paradigma. É vital promover a coesão entre comunidades diversas, buscando identificar pontos de convergência por meio do diálogo cotidiano entre as culturas, evitando assim qualquer abordagem assimilacionista. Este enfoque, ao incentivar o respeito mútuo e a valorização das diferenças, contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e harmoniosa.

Kramersch (1993) argumenta que a interculturalidade não se limita apenas à aquisição de habilidades linguísticas, mas também implica uma compreensão profunda das diferentes formas de pensar, agir e se relacionar em contextos culturais diversos. A postura adotada por uma sociedade tem impacto significativo para os observadores externos, sobretudo no contexto educacional. É essencial considerar como os valores, normas e comportamentos de uma comunidade influenciam o processo de aprendizagem e o desenvolvimento dos indivíduos.

A diversidade cultural que testemunhamos ao redor do mundo hoje é resultado da evolução contínua das sociedades, das mudanças ocorridas ao longo do tempo e da adoção de novos papéis e hábitos. A interculturalidade surge como um processo de mistura e fusão dessas diversas influências, mas, acima de tudo, demanda o respeito mútuo entre as diferenças. Atualmente, essas diferenças extrapolam os aspectos óbvios, como as peculiaridades do cotidiano de cada país. Elas incluem desigualdades e disparidades que foram construídas ao longo da história entre diferentes grupos socioculturais, étnico-raciais, de gênero e de orientação sexual. Candau (2012) destaca esses aspectos como um dos focos da interculturalidade crítica, reconhecendo a compreensão das diferenças como um elemento fundamental para a construção de uma democracia verdadeiramente inclusiva.

O “daltonismo cultural” tende a não reconhecer as diferenças étnicas, de gênero e sexualidade de diversas origens regionais e comunitárias, ou a não colocá-las em evidência na sala de aula por diferentes razões, tais como a dificuldade e falta de preparação para lidar com essas questões, o considerar que a maneira mais adequada de agir é centrar-se no grupo “padrão”, ou, em outros casos, quando se convive com a multiculturalidade quotidianamente em diversos âmbitos, tender a naturalizá-la, o que leva a silenciá-la e não considerá-la um desafio para a prática educativa. (CANDAU, 2016c, p. 816)

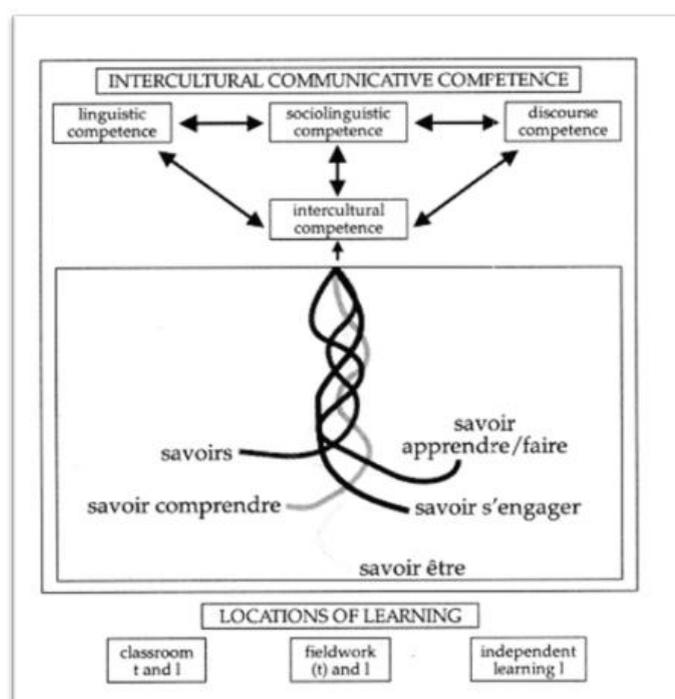
A interculturalidade emerge como um elemento fundamental para capacitar o indivíduo a lidar adequadamente com situações específicas que ocorrem fora de sua zona de conforto. Em um mundo cada vez mais conectado, é essencial que as pessoas possam transitar por uma variedade de contextos culturais, demonstrando sensibilidade e compreensão em suas interações. Ter a habilidade de se comportar de maneira apropriada em diferentes ambientes não apenas promove o bem-estar pessoal, mas também contribui para a promoção do respeito mútuo e da harmonia entre os diversos grupos sociais. Nesse sentido, não se trata apenas do conhecimento superficial de diferentes culturas, mas implica uma

compreensão profunda das nuances culturais e uma capacidade de adaptar-se de forma ética e sensível às diferenças interpessoais e interculturais. É através desse entendimento que os indivíduos podem construir pontes de entendimento e cooperação em um mundo cada vez mais diversificado e interconectado.

O pesquisador Michael Byram é amplamente reconhecido na área devido ao seu Modelo de Competência Comunicativa Intercultural, apresentado em 1997. Seu trabalho avalia a habilidade das pessoas de culturas e línguas diferentes em se comunicarem eficazmente, introduzindo o conceito de Falante Intercultural — *Intercultural Speaker* — a partir da dinâmica de comunicação entre indivíduos de diferentes contextos culturais. Byram destaca que as atitudes adotadas nas interações interculturais não devem ser meramente positivas, pois mesmo preconceitos positivos podem prejudicar a compreensão mútua. Em vez disso, enfatiza a importância de cultivar atitudes de curiosidade, abertura e disposição para suspender julgamentos em relação às crenças, comportamentos e perspectivas de outros indivíduos.

Para que uma pessoa alcance plenamente a competência intercultural e possa ser reconhecida como um "Falante Intercultural", Byram (1997) propõe cinco componentes *savoirs*: o saber compreender (*savoir comprendre*), o saber aprender (*savoir apprendre*), o saber fazer (*savoir faire*), o saber se engajar (*savoir s'engager*) e o saber ser (*savoir être*). Esses conhecimentos estão interligados e contribuem para a formação da Competência Intercultural, que é um dos elementos centrais da Competência Comunicativa Intercultural, conforme ilustrado no modelo a seguir: **Figura 1: Competência Comunicativa Intercultural**

Figura 1: Competência Comunicativa Intercultural



Fonte: Byram (1997, p. 73)

Na imagem, é perceptível a distinção entre Competência Intercultural (CI) e Competência Comunicativa Intercultural (CCI). Na CI, os indivíduos têm habilidades para interagir na própria língua com pessoas de outras culturas, utilizando atitudes e habilidades para interpretar, relacionar, descobrir e superar diferenças culturais. Um exemplo citado pelo autor é a capacidade de interpretar um documento traduzido de uma cultura estrangeira, que não requer conhecimento da língua, mas envolve habilidades de interpretação e relacionamento, juntamente com conhecimento sobre a outra cultura e atitudes de interesse e engajamento. Por outro lado, na CCI, os indivíduos são capazes de interagir com pessoas de diferentes culturas em uma língua estrangeira. Eles podem negociar uma forma de comunicação e interação que seja satisfatória para ambas as partes e podem atuar como mediadores entre pessoas de origens culturais distintas.

No âmbito intercultural, é fundamental examinar tanto os elementos que distanciam quanto os que aproximam os indivíduos de uma determinada cultura, bem como as complexidades envolvidas nesse processo, pois isso é crucial para a compreensão do escopo de nossa pesquisa.

4. A PERSPECTIVA INTERCULTURAL NO ENSINO DE LÍNGUAS

No contexto do ensino de qualquer língua, é fundamental considerar uma gama de aspectos contextuais que influenciam o processo educacional. Isso implica uma análise cuidadosa do perfil individual de cada aluno, incluindo sua idade, nível de escolaridade e experiência prévia com o idioma alvo. A compreensão desses elementos específicos permite ao professor adaptar sua abordagem pedagógica de acordo com as necessidades e características individuais de cada aprendiz, determinando o ponto de partida do ensino e selecionando os materiais didáticos mais apropriados para facilitar o processo de aprendizagem.

É essencial que o professor esteja atento à realidade cultural e social dos aprendentes, reconhecendo a influência desses fatores no desenvolvimento do aluno e no processo de aprendizagem. A reflexão sobre esses aspectos contribui para um ambiente educacional mais inclusivo e eficaz, promovendo uma experiência de ensino enriquecedora e significativa tanto para o aluno quanto para o professor.

A interculturalidade é uma competência essencial no ensino de línguas (Kramsch,

1993). É fundamental compreender que o estudo intensivo da gramática, por si só, não é suficiente para desenvolver plenamente essa competência cultural. No entanto, Beacco (2000) observa que, frequentemente, os materiais didáticos e o ensino de línguas estrangeiras apresentam uma hierarquização entre língua e cultura, onde a língua tende a sobrepor-se à cultura. Neste contexto, os aspectos culturais são frequentemente tratados apenas como conhecimento enciclopédico. Esta abordagem pode resultar em uma visão fragmentada e superficial da cultura estudada, restringindo uma reflexão profunda e organizada sobre os diversos grupos sociais que a compõem.

A abordagem intercultural emergiu na década de 1970, no contexto das migrações europeias e dos desafios educacionais enfrentados pelos filhos dos imigrantes. Os esforços promovidos pelo Conselho da Europa nas áreas de migração e educação impulsionaram a criação de políticas que reconhecessem a multiplicidade cultural como uma forma de enriquecimento, em vez de uma ameaça ou dificuldade. Inicialmente, restrita ao contexto migratório, a interculturalidade evoluiu para ser considerada uma atividade pedagógica consciente e essencial, destinada a permitir que os aprendizes se afastem de uma visão monolítica de cultura e abracem a multiplicidade e diversidade cultural (CHAVEZ; FAVIER; PÉLISSIER, 2012, p. 15).

Nos anos 1990, a abordagem intercultural se consolidou no campo do ensino e aprendizagem de línguas, enfatizando a interação entre duas culturas: a cultura nativa do aprendiz e a cultura-alvo da língua estudada. Essa perspectiva visa não apenas transmitir habilidades linguísticas, mas também promover um entendimento profundo e recíproco entre diferentes contextos culturais.

A interculturalidade no ensino de línguas encoraja os alunos a desenvolverem competências interculturais, que incluem a capacidade de interpretar e relacionar diferentes culturas, de explorar novas perspectivas e de refletir criticamente sobre suas próprias suposições culturais. Este enfoque vai além da mera aquisição de conhecimento factual sobre outra cultura, promovendo uma atitude de respeito, curiosidade e abertura.

Essa pedagogia intercultural é fundamental em um mundo globalizado, onde as interações transculturais são cada vez mais frequentes e significativas. Ela prepara os alunos para navegar em contextos multiculturais, contribuindo para a formação de cidadãos globais competentes e sensíveis às nuances culturais.

A abordagem intercultural reconhece que a aprendizagem de uma língua estrangeira é um processo dinâmico que envolve a negociação de significados e a construção de novas

identidades. Os aprendizes desenvolvem habilidades para mediar entre diferentes mundos culturais, enriquecendo suas próprias experiências e perspectivas limitadas.

Ganha cada vez mais relevância a tese de que a função da comunicação linguística não é somente a transmissão de informações, mas também a construção da própria identidade. (...) São de suma importância (aqui) as comparações entre a cultura nativa e a alvo, cujo objetivo é o desenvolvimento, nos aprendizes, de uma atitude reflexiva em relação à própria cultura e o abandono de visões etnocêntricas em prol do relativismo cultural. O aprendiz deve ser preparado para desempenhar um papel de mediador entre culturas (BANDURA, 2007, p. 50).

Para superar essas limitações, é imprescindível que os aprendizes tenham acesso a conteúdos e materiais que lhes permitam transcender os níveis superficiais de observação e descrição dos traços culturais de um país. É necessário que estes conteúdos sejam capazes de estabelecer conexões com dados históricos e colocá-los em um contexto sociocultural e socioeconômico abrangente. Isso permitirá aos estudantes desenvolver suas próprias interpretações e compreensões dos níveis culturais.

Uma abordagem eficaz para alcançar esse objetivo envolve a integração de elementos culturais autênticos e relevantes no currículo de ensino de línguas. Por exemplo, a inclusão de músicas populares, matérias de telejornais nacionais, e outros artefatos culturais autênticos pode enriquecer significativamente o processo de aprendizagem. Estes elementos não apenas fornecem um contexto realista e prático para o uso da língua, mas também promovem uma compreensão mais profunda das práticas culturais e das realidades sociais dos falantes nativos.

Além disso, ao explorar conteúdos culturais variados, os estudantes são incentivados a refletir criticamente sobre suas próprias culturas e as culturas dos outros, promovendo uma maior empatia e compreensão intercultural. Isso se alinha com os princípios da pedagogia crítica, conforme proposto por Paulo Freire (1970), que defende uma educação que vá além da mera transmissão de conhecimento, promovendo a conscientização crítica e a transformação social. Portanto, a integração de aspectos culturais no ensino de línguas deve ser ampla e profunda, proporcionando aos alunos uma compreensão rica e contextualizada da cultura-alvo, e capacitando-os a participar de forma crítica e consciente nas interações interculturais.

O ensino intercultural fundamenta-se na cultura nativa do aprendiz, reconhecendo

seus valores como ponto de partida para um processo de descentralização. Esta abordagem incentiva os aprendizes de línguas estrangeiras a examinarem criticamente e objetivamente sua própria cultura. Muitos alunos tendem a idealizar sua cultura nativa, apegando-se exclusivamente a ela e, conseqüentemente, rejeitando outras culturas. No entanto, ao interagirem com uma cultura diferente, os aprendizes tornam-se mais conscientes de sua identidade cultural e atualizam seu entendimento sobre sua própria cultura.

Esse processo de encontro intercultural não apenas amplia o conhecimento sobre a cultura estrangeira, mas também aprofunda a compreensão dos próprios valores, tradições e práticas culturais dos alunos. A exposição a perspectivas diversas promove a reflexão crítica sobre preconceitos e estereótipos, incentivando uma atitude de abertura e respeito.

Além disso, a abordagem intercultural no ensino de línguas busca desenvolver competências interculturais, que incluem a capacidade de negociar significados, interpretar comportamentos culturais distintos e relacionar diferentes contextos culturais. Essa competência é crucial para o desenvolvimento de uma comunicação eficaz e empática em um mundo globalizado.

Através do confronto e da interação com outra cultura, os aprendizes são desafiados a questionar e reavaliar suas próprias crenças e valores, levando a um processo de autodescoberta e crescimento pessoal. Esta experiência enriquece o aprendizado linguístico ao proporcionar um contexto mais amplo e significativo, onde a língua é vista como um veículo de comunicação e compreensão entre culturas.

O ensino intercultural promove uma aprendizagem mais holística e inclusiva, capacitando os alunos a se tornarem cidadãos globais competentes, capazes de navegar e contribuir positivamente em um mundo multicultural. Ao reconhecer e valorizar a diversidade cultural, essa abordagem educacional fortalece a identidade dos aprendizes e promove uma maior empatia e compreensão intercultural.

Frequentemente, aprendentes expressam opiniões divergentes sobre a dificuldade relativa das línguas, às vezes classificando-as como mais ou menos difíceis. Observa-se uma prática comum em vários países na qual indivíduos elaboram rankings para determinar a ordem de complexidade das línguas. O inglês é frequentemente caracterizado como uma língua "fácil" por conta da simplicidade do verbo "to be", enquanto o português é percebido como uma língua desafiadora devido à sua variedade de verbos. Essa percepção é discutida em um artigo da Exame (2017), que analisa as diferenças de complexidade entre essas duas línguas. Segundo a matéria, a estrutura mais simplificada do inglês, especialmente em relação à conjugação verbal, pode contribuir para a ideia de que é mais fácil de aprender, enquanto o

português, com sua ampla gama de verbos e regras gramaticais complexas, é visto como mais desafiador. Contudo, é importante se perguntar: Existe língua fácil? Existe língua difícil?

Tudo dependerá do contexto que o indivíduo se encontra. No entanto, é válido ressaltar que qualquer criança, ou melhor, qualquer pessoa, desde que dentro de um contexto físico e psicológico comum, é capaz de adquirir uma língua sem dificuldades significativas. As dificuldades encontradas no meio do caminho de um indivíduo em busca da segunda língua estão associadas a fatores pessoais e sociais. É incabível, devido às suas complexidades, comparar as questões gramaticais de duas ou mais línguas para determinar seu nível de facilidade.

5. O PAPEL DO MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUAS

Material didático é qualquer recurso utilizado no processo de ensino-aprendizagem que auxilia tanto professores quanto alunos a alcançar objetivos educacionais específicos. Esses recursos podem incluir livros, apostilas, vídeos, áudios, softwares educacionais, jogos interativos, gráficos e outros materiais multimídia. O objetivo do material didático é facilitar a compreensão dos conteúdos, proporcionar experiências de aprendizado diversificadas e engajar os alunos de maneira eficaz, adaptando-se às diferentes necessidades e estilos de aprendizagem.

Rangel (2005 apud SANTOS, 2014) oferece uma visão abrangente sobre o material didático.

Qualquer instrumento que utilizemos para fins de ensino/aprendizagem é um material didático. A caneta que o professor aponta para os alunos, para exemplificar o que seria um referente possível para a palavra caneta, funciona, nessa hora, como material didático. Assim como o globo terrestre, em que a professora de Geografia indica, circulando com o dedo, a localização exata da Nova Guiné. Ou a prancha em tamanho gigante que, pendurada na parede da sala, mostra de que órgãos o aparelho digestivo se compõe, o que, por sua vez, está explicado em detalhes no livro de Ciências (RANGEL, 2005, p. 25 apud SANTOS, 2014).

Já Almeida Filho (2007, p. 35) conceituou este termo como “as distintas e reconhecíveis práticas de ensino de línguas com seus respectivos correlatos, a saber, os planejamentos das unidades, os materiais de ensinos produzidos e as formas de avaliação do

rendimento dos aprendizes”. Assim, o método representa a trajetória seguida ao buscar a instrução de uma língua específica. No contexto educacional, o método refere-se a estruturas teóricas que orientam investigações e estudos subsequentes, além de práticas consolidadas ao longo de décadas de pesquisa científica, visando formar novos educadores e alcançar outros propósitos educacionais.

Qualquer processo de ensino-aprendizagem requer ferramentas e recursos que fundamentam e complementam o que é ensinado pelo professor em sala de aula. No contexto do ensino de uma segunda língua, a relevância desses materiais se intensifica, pois eles fornecem uma base estruturada e contextos autênticos para a prática e a compreensão da nova língua.

De acordo com Tomlinson (2012), os materiais didáticos desempenham diversas funções cruciais no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Eles servem não apenas como fontes de informação linguística, mas também como guias de prática e ferramentas de motivação. Para Tomlinson, materiais bem elaborados podem proporcionar aos aprendizes uma exposição rica e variada ao idioma alvo, além de oportunidades para praticar habilidades de leitura, escrita, fala e audição de maneira integrada e contextualizada. Ele argumenta que materiais didáticos eficazes são aqueles que conseguem engajar os alunos, proporcionando um aprendizado significativo e prazeroso.

Os materiais didáticos, quando bem escolhidos e utilizados, oferecem uma série de benefícios no ensino de uma segunda língua. Eles ajudam a criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo, onde os alunos podem se engajar de maneira mais profunda com o conteúdo. O material oferece uma estrutura clara para o curso, ajudando tanto os professores quanto os alunos a manterem o foco nos objetivos de aprendizagem. E uma boa organização dos materiais facilita a progressão das aulas e assegura que todos os tópicos essenciais sejam cobertos.

Este apoio possibilita que os alunos pratiquem de forma independente, revisem o conteúdo e reforcem o que foi aprendido em sala de aula. Exercícios de prática, leituras adicionais e atividades de autoavaliação são exemplos de como os materiais podem apoiar a aprendizagem autônoma.

A integração de elementos culturais nos materiais didáticos, como músicas, filmes, textos literários e notícias, oferece aos alunos uma visão mais ampla e rica do idioma alvo. Isso não só melhora suas habilidades linguísticas, mas também promove a compreensão intercultural, um aspecto essencial na comunicação global.

E materiais diversificados podem aumentar a motivação dos alunos. Recursos visuais,

atividades interativas e conteúdos relevantes para os interesses dos alunos tornam o aprendizado mais atraente e prazeroso.

Richards (2001) destaca que os materiais didáticos devem ser selecionados e desenvolvidos com base em critérios pedagógicos claros. Para ele, a escolha dos materiais deve considerar as necessidades e os níveis de proficiência dos alunos, além de refletir a abordagem metodológica adotada pelo professor. Richards enfatiza que os materiais didáticos são essenciais para fornecer uma estrutura para o curso, guiar os professores na preparação das aulas e apoiar os alunos no desenvolvimento de suas habilidades linguísticas. Ele também sugere que a inclusão de elementos culturais nos materiais pode enriquecer o aprendizado, ajudando os alunos a compreenderem melhor o contexto sociocultural da língua alvo.

Embora os benefícios dos materiais didáticos sejam evidentes, é importante reconhecer os desafios associados ao seu uso. A qualidade e a adequação dos materiais são fatores críticos. Materiais desatualizados ou que não consideram as necessidades específicas dos alunos podem ser contraproducentes. Além disso, a dependência excessiva de materiais prontos pode limitar a criatividade dos professores e a personalização do ensino.

Richards (2001) ressalta a importância da seleção criteriosa dos materiais, sugerindo que os professores devem estar envolvidos no processo de escolha e adaptação dos recursos didáticos para garantir que eles atendam às necessidades específicas de seus alunos. Ele também destaca que a formação continuada dos professores é fundamental para capacitá-los a utilizar os materiais de maneira eficaz e inovadora.

O material não apenas fornece a base estrutural necessária para a condução do curso, mas também oferece suporte vital para a prática e o aprofundamento das habilidades linguísticas. Materiais bem desenvolvidos e selecionados com critérios pedagógicos claros podem enriquecer significativamente o processo de aprendizagem, tornando-o mais eficaz e agradável.

Quando se trata do ensino da L2, o material oferece uma estrutura e um roteiro claros para professores e alunos, ajudando a orientar o processo de ensino-aprendizagem de forma organizada. Além disso, proporciona uma variedade de atividades que atendem a diferentes estilos de aprendizagem, como exercícios de gramática, vocabulário, compreensão auditiva, leitura, escrita e fala. O material didático também inclui textos e exercícios que refletem o uso real da língua, expondo os alunos a contextos autênticos e situações do cotidiano, o que é fundamental para a aquisição de uma nova língua de forma eficaz e natural.

Outro aspecto importante é que os materiais didáticos ajudam a manter os alunos motivados e engajados. Os recursos interativos tornam as aulas mais dinâmicas e

interessantes, facilitando a retenção do conteúdo. E também permitem que os professores adaptem suas aulas às necessidades e níveis de proficiência dos alunos, oferecendo atividades diferenciadas e personalizadas.

Além disso, os materiais didáticos são essenciais para a avaliação do progresso dos alunos. Eles contêm testes e exercícios que permitem aos professores monitorar o desempenho dos alunos e identificar áreas que precisam de mais atenção. Isso é fundamental para garantir que os alunos estejam avançando de maneira adequada e alcançando os objetivos de aprendizagem estabelecidos.

6. METODOLOGIA

A pesquisa realizada adotou uma abordagem bibliográfica, que consistiu na análise crítica de um material didático empregado no ensino de língua portuguesa para estrangeiros. Conforme destacado por Marconi e Lakatos (2003, p. 183), a pesquisa bibliográfica vai além da mera recapitulação do que já foi discutido ou escrito sobre um determinado tema. Ela oferece a oportunidade de examinar o tema sob novas perspectivas ou abordagens, possibilitando a formulação de conclusões inovadoras. Nesse contexto, o objetivo primordial da pesquisa é promover o aprimoramento de ideias e a descoberta de novas instruções.

O escopo da análise abrangerá um material didático, visando identificar se a abordagem intercultural é efetivamente aplicada no ensino. Serão investigados diversos aspectos, incluindo o tipo de enunciado utilizado, a natureza dos textos presentes nos materiais, a representação da cultura brasileira, a seleção e utilização de imagens, e, sobretudo, a maneira como a língua portuguesa é retratada, considerando suas variações linguísticas presentes no contexto brasileiro.

Ao examinar esses aspectos, busca-se não apenas avaliar a qualidade dos materiais didáticos, mas também compreender como eles contribuem para o desenvolvimento da competência intercultural dos aprendizes. A análise crítica desses materiais permitirá não apenas identificar possíveis lacunas ou áreas de melhoria, mas também oferecer o aprimoramento do ensino de língua portuguesa como língua estrangeira, promovendo uma abordagem mais inclusiva, diversificada e autêntica da cultura brasileira.

Usaremos algumas contribuições teóricas de para contextualizar e fundamentar nossa análise. Além disso, para enriquecer nossa investigação, utilizamos dados provenientes de fontes como o Exame Celpe-Bras (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros) e o Programa de Proficiência de Português como Língua Estrangeira (PPPLE).

Esses dados fornecem uma base sobre o desempenho dos aprendizes de língua portuguesa como segunda língua, bem como sobre as tendências e desafios no campo do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Ao integrar teorias estabelecidas e evidências empíricas tangíveis, nosso estudo busca oferecer uma análise abrangente sobre a questão em estudo. A combinação de teoria e dados empíricos não apenas fortalece nossas conclusões, mas também amplia nossa compreensão do tema, permitindo-nos explorar suas implicações práticas e teóricas de maneira mais profunda e significativa.

A metodologia adotada para este estudo será predominantemente descritiva, enfatizando uma análise minuciosa e qualitativa dos materiais didáticos utilizados no ensino de língua portuguesa para estrangeiros. Esta abordagem permite uma compreensão detalhada e aprofundada dos aspectos examinados, possibilitando uma análise crítica e reflexiva dos mesmos.

A análise descritiva consistirá em uma investigação, com foco na identificação e compreensão das diferentes abordagens utilizadas para abordar a cultura brasileira e o ensino da língua portuguesa. Será dada atenção especial à forma como a interculturalidade é representada nos materiais, examinando-se os tipos de enunciados, textos, imagens e outros elementos presentes.

Uma das principais técnicas utilizadas será a análise de conteúdo, que envolverá a identificação, categorização e interpretação dos temas, padrões e significados presentes nos materiais didáticos. Essa abordagem permitirá não apenas descrever o conteúdo dos materiais, mas também compará-los entre si e analisar suas nuances e diferenças.

Ao adotar uma metodologia descritiva e qualitativa, buscamos fornecer uma análise aprofundada e contextualizada dos materiais didáticos, destacando não apenas suas características superficiais, mas também suas implicações mais amplas para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua.

A partir desta abordagem, poderemos capturar a complexidade e a riqueza dos materiais examinados e averiguar como, de fato, a língua portuguesa como L2 deve ser ensinada e retratada em sala de aula pelos materiais e pelos professores. Seremos capazes de investigar não apenas o conteúdo dos materiais didáticos, mas também as estratégias pedagógicas empregadas, a adequação dos recursos visuais e a inclusão de elementos interculturais. Além disso, poderemos observar de que maneira a língua portuguesa é abordada em relação às suas diversas variações linguísticas e culturais, considerando a diversidade presente no contexto brasileiro. Essa análise permitirá identificar não apenas as

práticas eficazes de ensino, mas também os desafios enfrentados pelos professores no contexto do ensino de língua portuguesa para estrangeiros, destacando a importância de sua formação e capacitação para desempenhar essa função de forma eficaz e inclusiva.

1. INTERCULTURALIDADE NOS MATERIAIS DIDÁTICOS

A seguir, procederemos à análise da interculturalidade em um material didático: "Brasil Intercultural - Língua e cultura brasileira para estrangeiros", elaborado por três autoras com o objetivo de ser um recurso didático abrangente que abarca os conteúdos de quatro ciclos de aprendizagem de português. Este livro é destinado a estudantes estrangeiros que desejam aprender o português de maneira autêntica, refletindo a riqueza e diversidade cultural do Brasil.

Ao examinar este material didático, nota-se uma representação significativa da diversidade étnica entre os brasileiros nas ilustrações e exemplos utilizados para descrever situações cotidianas. Essa abordagem não apenas enriquece o processo de aprendizagem, mas também promove uma compreensão mais profunda da complexidade cultural do país, proporcionando aos aprendizes uma visão mais inclusiva e realista da sociedade brasileira.

Figura 2: Inclusão do direito à felicidade na Constituição



Fonte: Brasil intercultural: Ciclo básico níveis 1 e 2

Figura 3: Crianças diversas



Fonte: Brasil intercultural: Ciclo básico níveis 1 e 2

A obra contém uma tabela de extrema relevância, apresentando a representação fonética de diversos sons presentes na língua portuguesa. O Brasil, assim como diversos outros países, possui uma vasta diversidade cultural e regional, o que resulta em uma língua rica em variações fonéticas. Uma única palavra pode ter múltiplas pronúncias de determinadas sílabas, dependendo da região. Por exemplo, na palavra “mascar”, em algumas áreas, encontramos o som consonantal do S como [ʃ], enquanto em outras regiões, o som é [s]. A inclusão de representações fonéticas para os sons consonantais e vocálicos não só ilustra essas variações, mas também facilita a compreensão das diferentes pronúncias e enriquecimentos linguísticos do português brasileiro, promovendo um aprendizado mais inclusivo e detalhado.

Figura 4: Ditongos nasais e Dígrafos

DITONGOS NASAIS		
Representação Gráfica	Representação Fonética	Exemplos
"ão"	[ãw]	De <i>grão</i> em <i>grão</i> a galinha enche o <i>papo</i> .
"am"		Vão-se os <i>gatos</i> e <i>folgam</i> os <i>ratos</i> .
"ãe"	[ãj]	<i>Mãe</i> só existe <i>uma</i> .
"õe"	[õj]	O <i>homem</i> <i>propõe</i> e <i>Deus</i> <i>dispõe</i> .
"em"	[ẽj]	<i>Quem</i> <i>tem</i> <i>boca</i> <i>vai</i> a <i>Roma</i> .
"en"		<i>Eduquem</i> as <i>crianças</i> e <i>não</i> será <i>preciso</i> <i>punir</i> os <i>homens</i> .
"ui"	[ũj]	É <i>muito</i> <i>cacique</i> para <i>pouco</i> <i>índio</i> .

DÍGRAFOS			
Letras	Dígrafo	Símbolo Fonético	Exemplos
CH	<i>cê-agá</i>	[ʃ]	<i>chave</i> - <i>encher</i>
LH	<i>ele-agá</i>	[λ]	<i>trabalho</i> - <i>velha</i>
NH	<i>ene-agá</i>	[ɲ]	<i>ganhar</i> - <i>dinheiro</i>
RR	<i>dois erres</i>	[x]	<i>corrente</i> - <i>terra</i>
SS	<i>dois esses</i>	[s]	<i>passagem</i> - <i>pessoa</i>
SC	<i>esse-cê</i>	[s]	<i>adolescente</i> - <i>piscina</i>
SÇ	<i>esse-cê-cedilha</i>	[s]	<i>nasça</i> - <i>creança</i>
XC	<i>xis-cê</i>	[s]	<i>excelente</i> - <i>excitante</i>
GU	<i>gê-u</i>	[g]	<i>guerra</i> - <i>águia</i>
QU	<i>quê-u</i>	[k]	<i>aquele</i> - <i>quindim</i>

Fonte: Brasil intercultural: Ciclo básico níveis 1 e 2

Além disso, o livro propõe exercícios que incorporam esses fonemas em diversas palavras, permitindo que o aprendente diferencie os sons não apenas através da leitura, mas também pela escuta. Essa abordagem prática visa a reforçar a compreensão auditiva e fonológica dos estudantes, facilitando a internalização das variações fonéticas regionais e a competência na pronúncia correta e contextualizada das palavras. Desta forma, o material didático promove um aprendizado mais completo e eficaz, integrando teoria e prática na aquisição das habilidades linguísticas.

Figura 5: Questionário sobre os sons

Unidade 6
Ciclo Básico

5 Escute as palavras extraídas do texto e, a seguir, classifique-as de acordo com os sons [z], [s], [ks] e [ʃ].

exclusiva / explica / exibicionistas / baixa / fixa / Xuxa / Ex-modelos

[z]	[s]	[ks]	[ʃ]

Fonte: Brasil intercultural: Ciclo básico níveis 1 e 2

A teoria da aprendizagem multissensorial, como discutida por Shams e Seitz (2008), sugere que a utilização de múltiplos canais sensoriais (visão, audição, etc.) pode facilitar a aprendizagem. Ao combinar a representação visual dos fonemas com exercícios auditivos, o material didático atende a diferentes estilos de aprendizagem e promove uma compreensão mais robusta dos sons da língua.

O livro didático ainda inclui uma seleção de músicas populares no Brasil. Estas canções, amplamente reconhecidas em nosso país, abrangem uma variedade de gêneros musicais. Tal diversidade não apenas enriquece o conteúdo educacional, mas também proporciona aos alunos uma oportunidade valiosa de se familiarizar com a rica e multifacetada cultura brasileira. Ao integrar essas músicas no currículo, o material didático facilita um entendimento mais profundo das tradições e expressões culturais que permeiam a sociedade brasileira, promovendo, assim, uma aprendizagem mais contextualizada e significativa.

Figura 6: Aquarela

Aquarela

Composição: Toquinho / Vinícius de Moraes / G.Morra / M.Fabrizio



Numa folha qualquer eu _____ um
sol _____
E com cinco ou seis retas _____ fácil
fazer um castelo
Carro o _____ em torno da mão e me
_____ uma luva
E se faço chover, com dois riscos _____
um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta _____ num
pedacinho _____ do papel
num instante _____ uma linda
gaivota a voar no céu
vai voando, contornando a imensa curva
Norte e Sul
_____ com ela viajando Havai,
Pequim ou Istambul
_____ um barco a
vela _____ navegando,
_____ tanto céu e mar num
beijo _____
Entre as nuvens _____ surgindo um
lindo avião _____ e grend.
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a

Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo
e se a _____ quiser ele vai pousar
Numa folha qualquer eu desenho um navio
de partida

Com alguns bons amigos _____
de bem com a vida
De uma América a outra consigo passar num segundo
_____ um simples compasso e
num círculo eu faço o mundo
Um menino _____ e
caminhando _____ no muro
e ali logo em frente a esperar pela gente o
futuro _____
E o futuro _____ uma astronave
que _____ pilotar
Não _____ tempo nem piedade
nem _____ hora de chegar
Sem pedir licença _____ nossa vida,
depois _____ a rir ou chorar
Nessa estrada não nos _____ conhecer
ou ver o que virá
O fim dele ninguém _____ bem ao certo
onde vai dar
_____ todos numa linda passarela
de uma aquarela que um dia enfim descolorirá

Brasil intercultural: ciclo básico níveis 1 e 2

Em um determinado trecho do livro, é abordada uma matéria do Jornal Hoje, um telejornal brasileiro exibido em todo o país desde 2012, com o objetivo de familiarizar os aprendizes com os tipos de notícias que os brasileiros costumam ouvir e ler, além de observar se os alunos estão absorvendo e entendendo os diálogos corriqueiros aqui presentes. Esta inclusão também visa apresentar aos estudantes um telejornal que é parte integrante do cotidiano dos brasileiros. Desta forma, o material didático enriquece o conteúdo educativo e facilita a imersão cultural dos alunos, ajudando-os a compreender melhor o contexto sociocultural e a linguagem cotidiana utilizada nas notícias brasileiras.

Figura 7: Questionário Reportagem Jornal Nacional

18 Você vai assistir a uma reportagem do Jornal Hoje sobre Viagens e Turismo. A seguir, responda:

a) Para onde e quando Helena e Felipe vão viajar? O que eles fizeram através da internet?

b) Segundo Carlos Alberto Ferreira, quem deve utilizar a internet na hora de programar suas viagens de férias?

c) O que deve ser feito ao procurar um pacote de viagem?

d) Quais são os destinos mais procurados/preferidos pelos turistas brasileiros no exterior e no Brasil?

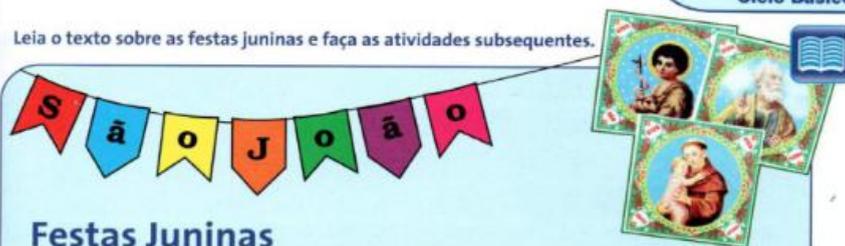
Brasil intercultural: ciclo básico níveis 1 e 2

A obra também inclui a abordagem de diversas datas festivas, como a festa junina, explorando o significado do termo brasileiro, a sua relevância cultural na região Nordeste e as tradições associadas, incluindo as comidas típicas que são uma parte integral das celebrações. Esse tratamento, de fato, oferece aos alunos uma compreensão mais profunda das festividades, enriquecendo seu conhecimento sobre as práticas culturais regionais e a importância dessas celebrações no contexto da identidade brasileira.

Figura 8: Festas juninas

Unidade 2
Ciclo Básico

8 Leia o texto sobre as festas juninas e faça as atividades subsequentes.



Festas Juninas

Existem duas explicações para o termo festa junina. A primeira explica que surgiu em função das festividades que ocorrem durante o mês de junho. Outra versão diz que esta festa tem origem em países católicos da Europa e, portanto, seriam em homenagem a São João. No princípio, a festa era chamada de Joanina.

De acordo com historiadores, esta festividade foi trazida para o Brasil pelos portugueses, ainda durante o período colonial (época em que o Brasil foi colonizado e governado por Portugal). Nessa época, havia uma grande influência de elementos culturais portugueses, chineses, espanhóis e franceses. Da França veio a dança marcada, característica típica das danças nobres e que, no Brasil, influenciou muito as típicas quadrilhas. Já a tradição de soltar fogos de artifício veio da China, região de onde teria surgido a manipulação da pólvora para a fabricação de fogos. Da península Ibérica teria vindo a dança de fitas, muito comum em Portugal e na Espanha. Todos estes elementos culturais foram, com o passar do tempo, misturando-se aos aspectos culturais dos brasileiros (indígenas, afro-brasileiros e imigrantes europeus) nas diversas regiões do país, tomando características particulares em cada uma delas.

Festas Juninas no Nordeste

Embora sejam comemoradas nos quatro cantos do Brasil, na região Nordeste as festas ganham uma grande expressão. O mês de junho é o momento de se fazer homenagens aos três santos católicos: São João, São Pedro e Santo Antônio. Como é uma região onde a seca é um problema grave, os nordestinos aproveitam as festividades para agradecer as chuvas raras na região, que servem para manter a agricultura. Além de alegrar o povo da região, as festas representam um importante momento econômico, pois muitos turistas visitam cidades nordestinas para acompanhar os festejos. Hotéis, comércios e clubes aumentam os lucros e geram empregos nestas cidades. Embora a maioria dos visitantes seja brasileiros, é cada vez mais comum encontrarmos turistas europeus, asiáticos e norte-americanos que chegam ao Brasil para acompanhar de perto estas festas.

Comidas típicas

Como o mês de junho é a época da colheita do milho, grande parte dos doces, bolos e salgados relacionados às festividades, são feitos deste alimento. Pamonha, milho cozido, canjica, cuscuz, pipoca, bolo de milho são apenas alguns exemplos. Além das receitas com milho, também fazem parte do cardápio desta época: arroz doce, bolo de amendoim, bolo de pinhão, broa de fubá, cocada, pé-de-moleque, quentão, vinho quente, batata doce e muito mais.

Brasil intercultural: ciclo básico níveis 1 e 2

No entanto, ao trazer a representação da cultura brasileira em materiais didáticos, é essencial evitar uma abordagem superficial que se limite a aspectos festivos, culinários e tradicionais. Esta perspectiva pode perpetuar estereótipos e limitar a compreensão da diversidade cultural e histórica do Brasil. É imprescindível uma análise profunda das dinâmicas históricas, sociais e políticas que moldaram a identidade brasileira ao longo do tempo.

Quando se explora criticamente temas como colonização, escravidão, movimentos sociais e desigualdades sociais, o material didático pode proporcionar uma visão mais

abrangente e contextualizada da interculturalidade no Brasil. Isso não apenas enriquece o entendimento do aprendente, como também fomenta uma reflexão crítica sobre as múltiplas influências que contribuem para a diversidade cultural do país.

Para promover efetivamente a interculturalidade, é necessário que os materiais adotem uma abordagem analítica e contextualizada, explorando não apenas as manifestações culturais visíveis, mas também as estruturas sociais e históricas que fundamentam a identidade brasileira contemporânea.

Apesar da qualidade do material na exploração da interculturalidade, é crucial destacar que a eficácia do mesmo pode ser grandemente comprometida caso o professor não esteja adequadamente capacitado para lidar com esses aspectos. Nesse contexto, as intenções interculturais subjacentes ao material correm o risco de não se concretizarem plenamente na prática educativa. Portanto, é fundamental que o professor não apenas compreenda profundamente os temas culturais abordados, mas também esteja habilmente preparado para integrá-los de forma significativa e relevante no ambiente de aprendizagem.

O livro didático inclui um complemento essencial: o Manual do Professor. Ele é organizado em seções que oferecem orientações detalhadas sobre como abordar cada tema e atividade apresentada no livro do aluno. É fundamental que o professor siga rigorosamente as diretrizes delineadas neste manual, as quais foram concebidas para auxiliar o docente na sua prática pedagógica, garantindo que ele possa guiar os alunos de maneira eficaz e didática. Na dinâmica da sala de aula, cabe ao professor explorar as diferenças, refletir sobre a realidade e integrar o cotidiano dos alunos no processo educativo.

Figura 9: Unidade 4

Unidade 4	E isto aqui, no Brasil, como é?
Identificação da atividade	Orientação pedagógica
Atividade 9	<p>Professor(a), nesta atividade divida a turma em duplas ou trios e incentive que os(as) alunos(as) façam a pesquisa em casa e realizem a apresentação sobre as manifestações culturais do Brasil em sala de aula.</p> <p>Valorize a criatividade dos(as) alunos(as) e comente que esta é uma atividade livre e que poderá ser explorada da maneira que cada um(a) achar interessante, o que significa que poderão ampliá-la trazendo vídeos, áudios, imagens e outros textos para a sala de aula.</p> <p>Professor(a), você também pode pedir que os(as) alunos(as) comparem essas manifestações com as de seus países.</p> <p>Nas aulas online, incentive seus/suas alunos(as) a usarem apps gratuitas como Canva ou Powtoon para criarem apresentações mais dinâmicas e multimodais.</p>

Fonte: Brasil intercultural: ciclo básico – Manual do docente.

O material do docente está cuidadosamente organizado de forma didática por unidades, assim como o material do discente. Em cada unidade, as atividades são claramente identificadas e acompanhadas de orientações pedagógicas que o professor deve seguir para garantir um ensino eficaz. Além das instruções detalhadas para a sala de aula, o professor também tem acesso a uma variedade de recursos didáticos online. Isso é de extrema importância no cenário educacional atual, pois, desde a pandemia de Covid-19 em 2020, o ensino a distância passou a desempenhar um papel crucial no processo educativo.

O material como um todo foi elaborado para atender às necessidades do ensino moderno, oferecendo flexibilidade e abrangência no planejamento das aulas. Ele não apenas orienta o professor em relação ao conteúdo e metodologia, mas também proporciona uma base sólida para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas inovadoras. Essa abordagem integrada assegura que o professor esteja bem preparado para enfrentar os desafios do ensino contemporâneo, seja em ambientes presenciais ou remotos.

Figura 10: Unidade 1 - Somos muitos(as)

Unidade 1 - Somos muitos(as)

1) Recomendações gerais

Professor(a), esta Unidade é o pontapé inicial nos estudos sobre a língua portuguesa e a cultura brasileira do Ciclo Básico do Novo Brasil Intercultural. Por isso, é de grande importância criar um ambiente receptivo e culturalmente sensível, visando ao acolhimento dos(as) alunos(as) e das expectativas que eles/elas possam trazer para esse início de trajetória de ensino e aprendizagem.

Como Unidade de abertura, ela tem como objetivo central apresentar, discutir e aproximar os(as) alunos(as) de situações comunicativas mais imediatas de uso da língua portuguesa e possibilitar o desenvolvimento de práticas de sensibilização à diversidade linguístico-cultural que permeia tais contextos. Portanto, as atividades e tarefas pensadas para esta Unidade não só explorarão discussões em torno de funções mais básicas de uso da língua, tais como falar de si e da família, cumprimentar pessoas em diferentes situações comunicativas a partir de gêneros discursivos variados e debater e contrastar práticas culturais, mas também incentivarão a construção inicial de posturas críticas e reflexivas relativas às diferentes configurações familiares, à identificação étnico-racial, aos impactos da imigração no Brasil, aos variados costumes/práticas culturais em diferentes contextos de socialização e aos estereótipos.

Desse modo, no eixo de interação, será dada ênfase à compreensão e produção não só de gêneros discursivos adequados a situações de comunicação cotidianas, tais como mensagens instantâneas via aplicativos, mapas, imagens, (info)gráficos, fichas de inscrição, como também gêneros mais voltados à esfera jornalística como artigo de opinião, reportagem e notícias. No que tange ao eixo de análise linguística, será discutido, de forma mais sistemática, o emprego de pronomes possessivos, artigos definidos e indefinidos, preposições e contrações e o uso de formas verbais para descrever fatos e ações que ocorrem no momento da fala, através do estudo do Presente do Indicativo.

Fonte: Brasil intercultural: ciclo básico – Manual do docente.

A unidade inicial visa não apenas apresentar a língua portuguesa, mas também facilitar a compreensão e apreciação das diversidades linguísticas e culturais do Brasil. O texto destaca que as atividades propostas não se limitam a ensinar funções básicas da língua, como apresentações pessoais e interações sociais, mas também incentivam uma abordagem crítica e reflexiva sobre temas como configurações familiares, imigração no Brasil e costumes culturais variados. Isso visa desenvolver uma sensibilidade cultural nos alunos e prepará-los para interações mais significativas.

Além disso, o material enfatiza a importância de compreender e produzir uma variedade de gêneros discursivos, desde mensagens simples até textos mais analíticos, como artigos de opinião e reportagens. Incentiva a análise da língua de forma sistemática, incluindo aspectos gramaticais como pronomes possessivos e tempos verbais, com foco no desenvolvimento de habilidades comunicativas e de compreensão cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada demonstrou a importância fundamental da interculturalidade no ensino de línguas, especialmente no contexto do ensino de português para estrangeiros. A abordagem intercultural vai além da simples transmissão de habilidades linguísticas, buscando promover um entendimento mais profundo e recíproco entre diferentes culturas. Essa perspectiva não só enriquece o aprendizado da língua, mas também contribui para a formação de cidadãos globais competentes e sensíveis às nuances culturais.

Os materiais didáticos desempenham um papel crucial nesse processo, oferecendo não apenas uma base estrutural para a aprendizagem, mas também a possibilidade de explorar e refletir sobre as culturas envolvidas. A integração de elementos culturais autênticos e relevantes, como músicas, textos e notícias, proporciona aos alunos uma visão mais rica e contextualizada da língua e da cultura-alvo. No entanto, é essencial que esses materiais evitem abordagens superficiais e estereotipadas, promovendo uma análise crítica e abrangente das dinâmicas culturais e sociais.

A pesquisa revelou que, embora alguns materiais didáticos apresentem avanços significativos na inclusão de aspectos interculturais, há ainda desafios a serem enfrentados. A qualidade e a adequação dos materiais, bem como a formação dos professores para lidar com questões culturais complexas, são aspectos cruciais para garantir uma prática educativa eficaz e inclusiva. O papel do professor é fundamental na implementação bem-sucedida da abordagem intercultural, exigindo uma compreensão profunda e uma preparação adequada para integrar esses temas de maneira significativa na sala de aula.

Conclui-se que o material analisado possui a qualidade necessária para ser utilizado no ensino de português para estrangeiros. No entanto, como qualquer recurso didático, há sempre espaço para melhorias. É fundamental considerar as características imprescindíveis debatidas ao longo da análise para potencializar ainda mais sua eficácia e adequação ao contexto educacional.

Portanto, para maximizar os benefícios da abordagem intercultural no ensino de línguas, é necessário um esforço contínuo para aprimorar os materiais didáticos e a formação dos educadores. A integração eficaz da interculturalidade no currículo pode proporcionar uma experiência de aprendizagem mais rica e significativa, preparando os alunos não apenas para a comunicação eficaz, mas também para a compreensão e o respeito mútuo em um mundo globalizado.

Constatamos, então, a importância de uma abordagem crítica e reflexiva tanto na elaboração dos materiais didáticos quanto na prática pedagógica. A promoção da interculturalidade deve ser um objetivo central no ensino de línguas, contribuindo para a construção de uma comunidade global mais conectada e empática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 2007.

BANKS, J. A. **Cultural Diversity and Education: Foundations, Curriculum, and Teaching**. 2015.

BBC NEWS. **Aquisição de linguagem na infância**: um período crítico. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/131009_linguagem_infancia_an>. Acesso em: 4 mai. 2024.

BEACCO, J.-C. **Guia para o desenvolvimento de políticas de educação linguística na Europa**: da diversidade linguística à educação plurilíngue. Conselho da Europa, 2000.

BYRAM, Michael; FLEMING, Michael. **Perspectivas interculturales en el aprendizaje de idiomas**: Enfoques a través del teatro y de la etnografía. Madrid: Cambridge, 2001.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHAVEZ, M.; FAVIER, D.; PÉLISSIER, M. **Interculturalidad y educación**. Ediciones Universitarias, 2012.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Aquisição e Aprendizagem de Segunda Língua**. In: Revista Signótica 7. Goiânia: Ed. da UFG, jan. – dez. 1995.

GIMÉNEZ ROMERO, Carlos. **Pluralismo, multiculturalismo e interculturalidad. Educación y futuro**: revista de investigación aplicada y experiencias educativas, n. 8, 2003. Disponível em:

<http://www.cesdonbosco.com/revista/imprensa/8estudios/texto_cgimenez.doc>. Acesso em: 14 jan. 2024.

KRAMSCH, C. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford University Press, 1993.

KRASHEN, Stephen. **The Input Hypothesis: Issues and Implications**. Harlow: Longman, 1985.

LENNEBERG, E. H. **Biological Foundations of Language**. New York: John Wiley, 1967.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

MCLAUGHLIN, B. **Theories of Second Language Learning**. London: Edward Arnold, 1987.

MENEZES, Vera. **Modelo monitor, hipótese do input ou da compreensão**. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/monitor.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

MOREIRA, Aline; BARBOSA, Cibele Nascente; CASTRO, Giselle Nunes de. **Brasil intercultural: ciclo básico níveis 1 e 2**. Brasília: Editora Casa do Brasil, 2016.

MOREIRA, Aline; BARBOSA, Cibele Nascente; CASTRO, Giselle Nunes de. **Brasil intercultural: ciclo básico – manual do docente**. Brasília: Editora Casa do Brasil, 2016. Disponível em: <https://brasilintercultural.com.ar/files/ciclo_basico_manual_docente.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2024.

REDAÇÃO TUPI. **Por que 90% das pessoas desistem de aprender inglês**. Disponível em: <<https://www.tupi.fm/rio/por-que-90-das-pessoas-desistem-de-aprender-ingles/>>. Acesso em: 23 fev. 2024.

RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. **Approaches and Methods in Language Teaching**. Melbourne: Cambridge University Press, 2001.

SHAMS, L.; SEITZ, A. R. **Benefits of multisensory learning**. Trends in Cognitive Sciences, 12(11): 411-417, 2008.